

Lembranças e trajetórias de portugueses em Duque de Caxias – RJ, 1950-1970¹

Angela Maria Roberti Martins²

Tania Maria da Silva Amaro de Almeida³

Resumo:

Este artigo tem por objetivo efetuar algumas breves considerações acerca da presença portuguesa na cidade de Duque de Caxias, região metropolitana do Rio de Janeiro, entre as décadas de 1950-1970. Centra a reflexão na experiência de alguns e/í migrantes, na decisão de deixar a terra natal, na forma como (re)construíram suas vidas, como lidaram com as tradições e os hábitos culturais, procurando perceber o processo de construção de uma certa rede de sociabilidade que se estabelece no momento mesmo em que a região passou por transformações econômicas e espaciais que a configuraram em polo de atração. Fundamentada, em especial, no campo da história oral de vida, a pesquisa estabelece um diálogo com as memórias da e/imigração, registrando e dando visibilidade a histórias de alguns anônimos que atravessaram o oceano e reinventaram suas vidas na margem de cá do Atlântico.

Palavras-chave: Portugueses; E/imigração; Duque de Caxias.

Abstract:

This article aims to make some brief considerations about the Portuguese presence in the city of Duque de Caxias, metropolitan region of Rio de Janeiro, between the decades of 1950-1970. It centers the reflection on the experience of some immigrants, on their decision to leave their native land, on how they (re)constructed their lives and on how they dealt with cultural traditions and habits. It aims to perceive the process of building a certain network of sociability that is established at the same time the region undergoes economic and spatial transformations that makes it very attractive. Grounded in the field of oral history of life in particular, the research establishes a dialogue with the memories of

¹ Esse artigo resulta de um projeto de pesquisa, ainda em andamento, que vem sendo realizado no âmbito do LABIMI - Laboratório de Estudos de Imigração vinculado institucionalmente à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em interseção com o Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias e o Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA) da UNIGRANRIO. No projeto, conta-se com a participação de uma bolsista de Iniciação Científica, Anna Clara Barreto Vieira, aluna do curso de História da UNIGRANRIO, que tem bolsa CNPq.

² Docente do programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio. docente da UERJ, Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). E-mail: angelaroberti@uol.com.br

³ Discente do programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Unigranrio. diretora do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias e diretora de pesquisa da Associação dos Amigos do Instituto Histórico

e/immigration, registering and giving visibility to the history of anonymous people who crossed the ocean and reinvented their lives on this side of the Atlantic.

Keywords: Portuguese; E/Immigration; Duque de Caxias.

Considerações iniciais

Esse texto integra um esforço investigativo que tem se mostrado especialmente desafiador às pesquisadoras. Isto porque a problemática da e/imigração portuguesa em Duque de Caxias é complexa e ainda inexplorada no âmbito do trabalho científico contemporâneo. Diante disso, nossa proposta, neste artigo, é a de apenas levantar o véu da questão. Com base nas lembranças de alguns portugueses que se estabeleceram na cidade de Duque de Caxias e em sua documentação privada - escrita e visual -, pretendemos desvelar a trajetória e a inserção dos mesmos e/ou dos seus ascendentes no município, entre as décadas de 1950-1970. Fica claro, portanto, o diálogo com as memórias da e/imigração e um quadro de referências em que passado e presente interagem dando sentido ao grupo em questão.

Identificar e interpelar sujeitos, estimular narrativas sobre trajetórias individuais e coletivas, que são por si só políticas e afetivas, implica, de imediato, o desafio de trabalhar na “fronteira” entre a configuração prática do mundo e o universo simbólico. A ação dos e/imigrantes e suas formas de pensar e de sentir, de ver o mundo, de se ver no mundo, de estar entre dois mundos, pode traduzir não somente a tensão dos processos vividos, mas as inúmeras possibilidades de reinvenção da vida na terra de chegada e a questão dos encontros entre o “eu” e o “outro” (individuais ou coletivos), permitindo reflexões acerca dos estereótipos que afetam o homem e a mulher imigrante, bem como os processos de estranhamento e de reinvenção de identidades.

Uma primeira abordagem revela que portugueses fixados na cidade de Duque de Caxias marcaram presença privilegiada na economia local, transformando-se em exemplos de certos processos coletivos vividos por imigrantes que se projetaram como ativos comerciantes. Aponta, também, que

o fluxo dos portugueses para a região teve grande densidade e seguiu um longo percurso, sendo, por isso mesmo, uma história ainda por escrever.

Nossa contribuição para esse tema da e/imigração, portanto, encaminha-se nessa direção, sendo dada através da apresentação de algumas reflexões preliminares sobre três eixos principais: Portugal, como zona de origem e suas razões de natureza socioeconômica e política que impulsionam os fluxos migratórios após a Segunda Guerra Mundial; Duque de Caxias, como polo receptor de portugueses e as mudanças que se encontravam em curso nas décadas de 1950/60; e alguns dos relatos dessa experiência migrante na cidade pela narrativas dos portugueses entrevistados.

Partindo da preocupação em consolidar um *locus* de discussão e de promoção de pesquisas que desenvolvam uma reflexão crítica e interdisciplinarmente compartilhada acerca dos fluxos (i)migratórios dirigidos para as cidades da Baixada Fluminense, é que vislumbramos a possibilidade desse trabalho, cujo propósito central é contribuir com as iniciativas que vêm ampliando o estudo do processo de imigração no Brasil.

A e/imigração como experiência

Nesse começo do século XXI, o mundo assiste a uma intensificação dos deslocamentos populacionais, na esteira do processo de mundialização e do capitalismo globalizado, direcionados, prioritariamente, para os países economicamente mais desenvolvidos. (MARINUCCI; MILESI, 2005, p. 1). Milhões e milhões de pessoas, em especial do hemisfério Sul, juntam coragem e esperança e deixam a própria terra em busca de novas oportunidades e condições de vida mais dignas na expectativa de um futuro melhor.

Nesse cenário, destacam-se os deslocamentos internacionais forçados. Atualmente, acredita-se que cerca de 50 milhões de pessoas em todo o mundo vivam o drama dos deslocamentos forçados. Regra geral, essas pessoas são vítimas de guerras civis ou catástrofes naturais; sofrem atentado às liberdades individuais ou têm os direitos fundamentais de pessoa humana completamente violados. (VERWEY; ZERBINI; SILVA, 2000, p. 1).

Na avaliação desses processos de deslocamentos, os estudos são crescentes entre os historiadores, os antropólogos e os sociólogos e procuram levar em consideração diferentes perspectivas de análise, observando se são fluxos de massa, percursos de grupos, de famílias, de indivíduos; se as motivações são econômicas, sociais ou políticas; as tensões demográficas, culturais, étnico-raciais e religiosas que suscitam; como aparecem as questões geracionais e de gênero; e também as variáveis como memória, identidade e cidadania; ou ainda os conflitos e as perdas que o processo suscita e comporta.

No Brasil, verifica-se uma ampliação crescente dos estudos sobre os fluxos migratórios, antigos e atuais, e mesmo sobre as identidades étnicas. Muitos desses trabalhos vêm apresentando abordagens inovadoras, optando pela diversificação das fontes de consulta e da metodologia aplicada. (CORTE, 1999, p. 156). Nesse deslocamento da análise, privilegia-se uma história do cotidiano e sua inclinação pelo “informal” e “popular”, dando vez aos “protagonistas anônimos da História”, como escreveu Vainfas. (2002, p. 57). Já não são suficientes as fontes mais abundantes e acessíveis, como as elaboradas por políticos, burocratas e diplomatas. (LEITE, 1999, p. 181). Os esforços atuais de investigação estão mais voltados para a compreensão dos e/imigrantes a partir de sua própria subjetividade, explorando as dificuldades enfrentadas e as oportunidades encontradas ou criadas.

No passado como no presente, o fenômeno migratório é complexo, heterogêneo e multifacetado, constituindo-se em um desafio para os pesquisadores, em especial para aqueles cujas análises voltam-se para o domínio da vida privada, a partir da construção de fontes orais e análise de documentos particulares, os quais têm potencial para possibilitar, como afirmou Maria Izilda Matos, “a emergência de histórias até então inatingíveis residentes no cotidiano” (MATOS, 2002, p. 22).

É na perspectiva de perscrutar o processo de imigração sob outro ângulo, mais ligado ao cotidiano, que procuramos ter acesso à história de vida dos e/imigrantes portugueses e sua experiência entretecida na cidade de Duque de Caxias, descortinando trajetórias, ações, estratégias de sobrevivências, resistências, lutas e conflitos, entre outros.

Portugal, “velho país de emigração”

Há tempos, autores conceituados já afirmavam que “Portugal é um velho país de emigração”. (LEITE, 1999, p. 177). Ao longo dos séculos, os portugueses vêm cultivando “...o hábito de procurar melhores condições de vida no exterior”, o que sempre produziu impacto na economia, demografia e cultura lusitanas. (LEITE, 1999, p. 177).

Segundo Jorge Arroiteia,

...desde o início do século XV, quando da descoberta das Ilhas dos Açores e da Madeira, seguida do povoamento destes territórios... é de realçar a enorme saída da população portuguesa para África e para as Índias Orientais e Ocidentais, facto que passou a ser uma constante desde o início do século XVII após a descoberta das minas de ouro e de pedras preciosas no Brasil e o arranque da emigração para essas paragens... (2001, p. 1-2).

Pesquisas mais recentes, realizadas no âmbito do Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade (CEPESE), localizado em Portugal, têm revelado que “[...] entre 1822 e 1950, estima-se que mais de 1.200.000 portugueses tivessem chegado ao Brasil”. (SOUSA, 2008, p. 30).⁴

No século XX, observa-se um incremento da emigração até 1914, quando tem início a Grande Guerra. No período entre guerras, sobretudo entre o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, e o espocar da Segunda Guerra Mundial, em 1939, ocorre uma queda expressiva nos fluxos emigratórios. A crise que se abate sobre a Europa penetra em Portugal, notadamente durante o contexto de 1929, com o *crack* da Bolsa de New York e os anos da Grande Depressão econômica que marcaram, em especial, os anos iniciais da década de 1930. (ARROTEIA, 2001, p, 2).

⁴ O CEPESE possui convênio com várias universidades brasileiras, como a UERJ, a UFF, a PUC-SP, entre outras. Através dos pesquisadores portugueses e brasileiros, formou-se uma rede ativa e atuante no que se refere ao estudo dos processos e/imigratórios passados e presentes.

O Brasil foi o principal destino da emigração portuguesa, que, mesmo apresentando *elementos de continuidade*, evidentemente variou no tempo, mantendo relações não só com as transformações ocorridas nas zonas de origens, mas também com as mudanças que se encontravam em curso na zona de destino, sobretudo no mercado de trabalho, projetando a emigração como um feixe de possibilidades. (PEREIRA, 2002, p. 16-18; LOBO, 2001, p. 18-19).

A cidade do Rio de Janeiro, como afirma Lená Menezes, foi o principal lugar de chegada dos portugueses seja “...no período de imigração massiva conhecida como Grande Imigração (1890-1914)...”, seja “...no contexto do pós Segunda Guerra...”, quando se observa a retomada de um crescimento contínuo de fluxos migratórios, muito relacionado à crise que acompanhou o fim do conflito mundial. (MENEZES, 2014, p. 42).

Entre os anos 1950 e 1970, período privilegiado da nossa pesquisa, registra-se a retomada da saída de portugueses do seu país. Segundo Jorge Carvalho Arroteia, há que se destacar “...a saída entre 1955 a 1974, de mais de 1,6 milhões de portugueses ou seja um média de 82000 emigrantes/ anuais” (ARROTEIA, 2001, p. 2). Esse movimento a partir de 1955 não registra apenas o tradicional destino transoceânico em direção ao Brasil, mas começa a descortinar outras preferências, como o fluxo intraeuropeu, com destaque para a França. (2001, p. 2).

Diversas razões justificam a ocorrência desse fenômeno migratório português no período posterior à Segunda Guerra Mundial. Nesse conjunto, destacam-se as razões de natureza econômica e o contexto político autoritário que perdurou até 1974.⁵ Conforme escreveu Maria Manuela Silva, no artigo *Crescimento econômico e pobreza em Portugal (1950-74)*, não obstante “...duas décadas e meia de crescimento econômico sustentado não permitiram pôr termo

⁵ Entre 1933 e 1974, Portugal viveu um regime político autoritário, o Estado Novo, que ficou conhecido, também, por salazarismo, em referência a Antonio Oliveira Salazar, que concebeu o regime e chefou o Estado a maior parte deste período. Os historiadores costumam denominar esse período ditatorial como Segunda República Portuguesa. Foi derrubado pela Revolução de Abril de 1974, a Revolução dos Cravos.

à pobreza e ainda em 1973 a pobreza continuava a ser uma realidade dura para muitos portugueses”. (SILVA, 1982, p. 1079).⁶

Neste caso, o perfil de pobreza atingia notadamente a população rural. O modelo de crescimento adotado em Portugal abandonou a agricultura, as regiões rurais e a população do campo, que não tinham condições sequer de satisfazer suas necessidades primárias. Da mesma forma, não foi suficiente para incrementar a indústria, que se voltou mais para o produto do que para a empregabilidade, concentrando investimentos nas áreas urbanas. O próprio Estado priorizava os investimentos públicos e as formas de proteção social nas zonas urbanas. (SILVA, 1982, p. 1083-1085).

[...] O abandono a que foi votada a agricultura, bem patente nos baixíssimos índices de crescimento do produto originado naquele setor, na descapitalização em termos de recursos físicos, financeiros e humanos empregues na terra, na desintegração social de muitas zonas rurais, teve como consequência o êxodo maciço dos campos. Parte da população ativa que em 1950 se ocupava na agricultura e representava 45% do total abandonou a agricultura, trilhando – sabe-se em que condições – o caminho da emigração ou a vinda para as cidades (sobretudo Lisboa, Porto e Setúbal), procurando na indústria o trabalho remunerador que não encontrava no campo e tentando encontrar na vida urbana facilidades de acesso a formas de progresso e de civilização que tardavam em beneficiar o mundo rural. Só que o número de postos de trabalho gerados pela indústria não foi de molde a permitir dar resposta à demanda.... (SILVA, 1982, p. 1082).

Neste contexto, ganha destaque o frágil nível de vida da população rural, com indicadores que revelam a segregação dos mais pobres e a ampliação da pobreza. Altas taxas de analfabetismo e de mortalidade infantil, rendimentos parcos, vulnerabilidade às doenças, desamparo em caso de invalidez e velhice, pequenas oportunidades de emprego e baixíssimos níveis de remuneração. (SILVA, 1982, p. 1081; ARROTEIA, 2001, p. 3).

Para além das razões de natureza econômica, é necessário levar em consideração as questões de gênero político, entre as quais se destacam o

⁶ Manuela Silva integrou o antigo Instituto Superior de Economia, atual Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (ISCEF), da Universidade Técnica de Lisboa, atual ISEG.

regime salazarista e a guerra em África. De acordo com o historiador português José Miguel Sardica, o regime salazarista assumiu o seguinte perfil:

[...] Alçado à liderança do governo, Salazar apressou-se a solidificar a sua máquina de poder, reforçando as características ideológicas e políticas do seu projeto de 'regeneração nacional' – antiliberal, nacionalista, imperialista e corporativo, baseado num 'Estado forte' e num entendimento tradicionalista e moralizador da sociedade e das mentalidades. [...]. (SARDICA, 2011, p. 57).

O fechamento do regime, as perseguições políticas, a falta de liberdade de expressão, a instabilidade nas garantias e direitos individuais, juntamente com a rejeição de Salazar à modernização e sua desconfiança para com as mudanças, deixando a "...míngua os meios de subsistência..." em muito contribuíram para a formação de um quadro complexo e multifacetado que incrementava a emigração. (ARROTEIA, 2001, p. 3).

Acrescente-se a esse quadro, a preparação portuguesa para engrossar o efetivo militar nas colônias em África que, nos anos 1950, se agitavam em direção às lutas anticoloniais, desdobradas, entre 1961 e 1975, nas guerras de independência ocorridas em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Para escapar do recrutamento e serviço militar obrigatório, da guerra iminente, da pobreza e da falta de perspectiva de um futuro mais promissor, muitos jovens lançavam mão de redes sociais há muito entretidas nas terras brasileiras para cruzarem o Atlântico em busca de maiores e melhores oportunidades.

Uma vez chegados à cidade do Rio de Janeiro, os portugueses tenderam a se dispersar espacialmente, fixando presença tanto na área central como nos eixos de expansão da malha urbana para outras regiões, incluindo-se aí subúrbios distantes e áreas mais rurais. Lugares ainda bucólicos que, nos anos 1950, guardavam certas semelhanças com as aldeias de Portugal.

Duque de Caxias, lugar de destino

Todas as histórias estão conectadas, mesmo que algumas pareçam periféricas e outras centrais. Os seres humanos, agentes históricos, não são

estáticos; pelo contrário, estão sempre em movimento, provocando o “mover da sociedade” de forma dinâmica e contínua, mas não necessariamente linear. Considerar as diversas formas de deslocamento dos seres humanos é importante para que a sociedade seja melhor compreendida na relação entre o presente e o passado. Desta forma, identificar as marcas que conectaram regiões ao longo do tempo é significativo para o estudo do trânsito das pessoas, com suas necessidades econômicas, suas manifestações culturais, suas construções políticas, suas reinvenções de identidades, além das transformações que promovem no espaço.

A história de Duque de Caxias confunde-se com a dos municípios que lhe são vizinhos, pois, até a década de 1940, Duque de Caxias, São João de Meriti e Nilópolis, juntos com Nova Iguaçu, formavam um só município. A região onde Duque de Caxias está inserido, desde o início da ocupação europeia, teve sua história estreitamente relacionada à da cidade do Rio de Janeiro. Situando-se às margens da Baía da Guanabara, teve seu desenvolvimento ligado à extensa rede hidrográfica que a cortava. Através dos rios, realizava-se o escoamento da produção local e estabeleciam-se os elos de comunicação entre o interior e o litoral, favorecendo a ocupação das cercanias da Baía pelo interior serrano.⁷

A área atual do município de Duque de Caxias também foi muito importante na relação do litoral com o interior do Brasil, pois, no século XVIII, a relação da cidade do Rio de Janeiro com a região da Baixada estreitou-se ainda mais, através dos caminhos que ligavam a região das Minas Gerais, quando o eixo econômico do Brasil na sua relação com Portugal, voltou-se para o ouro do planalto mineiro. Com a necessidade do escoamento do ouro e o abastecimento da província mineira, a região da Baixada da Guanabara passou a ter importância estratégica, pois se tornou área obrigatória de passagem, por conta

⁷ Situado na Baixada Fluminense, Duque de Caxias abriga atualmente uma população estimada em 886.917 habitantes nos seus 467,620 km², segundo dados do IBGE⁷. Seus limites estendem-se, atualmente, aos municípios de Miguel Pereira, Petrópolis, Magé, Rio de Janeiro, São João de Meriti, Belford Roxo e Nova Iguaçu. A hidrografia pode ser resumida em quatro bacias principais: Iguaçu, Meriti, Sarapuí e Estrela. O município é dividido em quatro distritos: 1º- Duque de Caxias, 2º- Campos Elíseos, 3º- Imbariê, 4º- Xerém. Em cumprimento à Lei Orgânica, a sede municipal, que se situava no 1º distrito, foi transferida, a partir de 29 de maio de 1991, para o 2º distrito.

de seus rios, bem como pelas estradas que foram abertas através das serras para que o trânsito de mercadorias se desenvolvesse.

Até o século XIX, o desenvolvimento das áreas no entorno da Baía foi notável. Entretanto, a impiedosa devastação das matas, assoreamento e obstrução dos rios e, conseqüente transbordamento destes, favoreceram o surgimento de epidemias de doenças endêmicas da região, como a malária e o cólera. Muitas pessoas abandonaram a região que, praticamente, ficou inabitável.

Em meados do século XIX, Merity, área do atual 1º distrito de Duque de Caxias, representava apenas um ponto de escoamento de poucos produtos, dentre os quais a lenha e o carvão vegetal. Até meados do século XX, a área que corresponde ao município era um espaço rural, uma área periférica que sofreu o impacto de algumas propostas de saneamento no início do século, mas que, no entanto, passou por um processo de ocupação desordenado, facilitado pela Estrada de Ferro Leopoldina Railway, cuja inauguração ocorreu em abril de 1886.

A recuperação de Merity começou a se insinuar com o advento da estrada de ferro, que ditava novos traçados nos caminhos, modificando por completo as relações comerciais e a ocupação do solo. Foi o início do processo de surgimento de vilas e povoados que se organizaram em torno das estações ferroviárias, origem dos muitos bairros das nossas atuais cidades. Quando a ferrovia chegou a Merity, a região começou a sofrer os efeitos da expansão urbana da cidade do Rio de Janeiro, pois a localidade ficou definitivamente ligada ao antigo Distrito Federal. No início do século XX, as terras da Baixada serviram para aliviar as pressões demográficas da cidade do Rio de Janeiro, já prenunciadas no "Bota Abaixo" do Prefeito Pereira Passos.⁸ O rápido crescimento populacional provocou o fracionamento e loteamento das antigas propriedades rurais, naquele momento, improdutivas.

A extensão da malha ferroviária representou, pois, um importante papel no fluxo migratório rural que se dirigia para o Rio de Janeiro. Pelos trilhos da

⁸ Os dados estatísticos revelam que, em 1910, a população de Merity era de 800 pessoas, passando em 1920, para 2.920 e, em 1930, para 28.756 habitantes.

Leopoldina e da Central do Brasil, chegavam nordestinos, mineiros, capixabas e norte fluminenses, em busca das oportunidades inexistentes nas suas regiões de origem. E chegavam, também, os imigrantes, com destaque para os portugueses. Os preços relativamente baixos das passagens e a rapidez do deslocamento estimulavam os homens a princípio, a “tentar a sorte” no Rio de Janeiro e, tendo obtido um emprego como fonte de renda, compravam na região os terrenos baratos nos quais construíram suas casas simples, constituindo famílias formadas aqui mesmo ou trazidas do interior e do exterior, no caso dos imigrantes.

A partir dos anos 1930, durante a era Vargas, o território do atual município de Duque de Caxias experimentou intensivo processo de remodelação de sua área, incorporando-se ao modelo urbano-industrial.⁹ Em 31 de dezembro de 1943, através do Decreto Lei nº 1.055, assinado pelo interventor federal no estado do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral, foi criado o município de Duque de Caxias; porém, somente em 1947, foi eleito o primeiro prefeito por voto popular, tendo a Câmara Municipal sido instalada no mesmo ano.¹⁰

O processo de industrialização no município teve início nos anos 1940, com a instalação da Fábrica Nacional de Motores, mas a arrancada no desenvolvimento econômico deu-se com a implantação da Refinaria de Duque de Caxias entre 1957 e 1962. A empresa atraiu também outros gigantes do setor de petróleo: Shell, Texaco, Mobil, Petroflex. Os principais segmentos industriais no município são químico/petroquímico, metalúrgico/gás, plástico, mobiliário, têxtil/vestuário. Atualmente, empresas de vários segmentos têm se instalado no município, tais como Jornal *O Globo*, Carrefour, Casas Bahia, aproveitando a privilegiada posição do município.

⁹O desenvolvimento pelo qual passava Merity levou o deputado federal Dr. Manoel Reis a propor a criação do distrito de Caxias. Dessa forma, através do Decreto Estadual nº 2.559, de 14 de março de 1931, o interventor federal Plínio Casado elevou o local a 8º distrito de Nova Iguaçu. Os anos 1940 encontraram o distrito com uma população que já atingia a casa dos 100.000 habitantes.

¹⁰ Dessa época até os nossos dias, Duque de Caxias tornou-se um importante município do estado fluminense. Localizado estrategicamente junto às principais rodovias do país, Presidente Dutra (BR-116), Washington Luís (BR-040), Avenida Brasil (BR-101), Linha Vermelha (RJ-071) e, mais recentemente, recortada pelo Arco Metropolitano (RJ-109/ BR-493), o município ocupa o segundo lugar no *ranking* de arrecadação de ICMS do estado do Rio de Janeiro, perdendo somente para a capital, de acordo com pesquisas da Fundação CIDE/CEPERJ.

A cidade de Duque de Caxias foi construída a partir de uma formação desordenada, gerada por uma economia próspera em meio a uma sociedade repleta de disparidades. É importante salientar a problemática que se formou com a ampliação dos meios de transporte, mais especificamente as ferrovias, reelaborando novos padrões de sociabilidade que se davam entre os agentes do Rio de Janeiro e as sociedades que se formaram no seu entorno.

A expansão da malha ferroviária carioca para a região da Baixada da Guanabara contribuiu para o deslocamento populacional e para o rápido povoamento ao redor das estações ferroviárias e o declínio daquelas ligadas aos caminhos do ouro e aos portos. É de significativa importância considerar o impacto que as estações ferroviárias provocaram na região e como contribuíram para o escoamento da produção agrícola e para a criação de núcleos de povoamento em seu entorno, além de influir na maneira como foram desenvolvidas as políticas públicas que se voltaram para essa região durante o período aqui analisado, pensando a mesma como área das plataformas políticas públicas que se voltam para projetos privados.

A região que investigamos se limita ao atual município de Duque de Caxias, que faz parte da área hoje conhecida como Baixada Fluminense, na extensão que acompanha a Estrada de Ferro Leopoldina Railway. Esta cidade, durante o período de análise proposta, pertencia à Vila, e posterior município de Iguaçu, sendo seu distrito com o nome de Merity. Até 1943, Merity fazia parte do 4º distrito de Iguaçu e era formado pelos atuais municípios de Duque de Caxias e de São João de Meriti.

Portanto, podemos afirmar que a Baixada da Guanabara, ao longo dos séculos, constituiu-se como uma importante região de ligação entre o interior e o litoral, tendo posição estratégica que contribuiu decisivamente para transformações tanto na cidade do Rio de Janeiro como na própria região, revelando uma estreita interdependência econômica, social e cultural.

O crescimento urbano da cidade do Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e início do XX, afetou o recôncavo da Guanabara ao acentuar os contatos entre as duas regiões. Assim, é possível afirmar que o desenvolvimento dos meios de transporte ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, entre o final do século

XIX e o início do século XX, e sua extensão para a Baixada da Guanabara, mais especificamente na área que acompanha a Estrada de Ferro Leopoldina Railway (1886), ao redor da região metropolitana do Rio de Janeiro, configurou o processo de urbanização e transformação urbana do atual município de Duque de Caxias.

O ano de 1930 também se tornou um marco nesse processo, pois, entre 1870 e 1930, significativos acontecimentos internacionais e nacionais repercutiram marcadamente “na economia, no crescimento populacional, na estratificação social, na forma de urbanização e na agressão ambiental da baía de Guanabara e sua região” (AMADOR, 1992, p. 228).

Para a relação entre a cidade do Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense, esta data representa um momento de ruptura nas políticas que se encaminhavam da capital federal para a sua região metropolitana. É um momento de início de políticas públicas voltadas para a industrialização, incluindo espaços dessa região. Além disso, também é deste período, precisamente no governo de Washington Luís (1926-1930), o processo de intensificação da abertura de estradas de rodagem no país e que, conseqüentemente, se estende pela Baixada Fluminense, o que representará o início de mudança de eixo no setor de transportes utilizados no processo de ocupação e exploração da região.

Os subúrbios eram outra opção que restava à população expulsa do centro do Rio de Janeiro ou àqueles que chegavam cada vez mais intensamente à cidade, migrantes e imigrantes. Com o tempo, áreas mais distantes foram sendo ocupadas, tendo, a partir da década de 1930, alcançado a Baixada Fluminense.

O Norte da cidade era deixado aos médios, aos miseráveis que eram expulsos das residências coletivas demolidas na área central, e as levas de cariocas e imigrantes que podiam instalar-se nas casas modestas da zona suburbana, crescente ao longo das estradas de ferro Central, Leopoldina, Rio D'Ouro e Melhoramentos do Brasil. Com as verbas governamentais canalizadas para as reformas (...) restaria aos subúrbios iniciar décadas de reivindicações para a infraestrutura de casas e ruas, e soluções para o transporte entre os empregos, nas áreas centrais, e as distantes moradias (MARINS, 1998, p. 156).

Segundo Janice Perlman, a urbe carioca, apertada entre o mar e as montanhas, não tem áreas livres para onde se expandir facilmente. A autora investigou, entre outros, os subúrbios da Baixada Fluminense (grupos de cidades satélite ou cidades dormitório). Sobre essa região, referindo-se a Duque de Caxias, Perlman (1977, p. 73) coloca:

A vida nos subúrbios oferece ainda outra alternativa de existência urbana para o migrante. Há 30 anos atrás a Baixada Fluminense era um pantanal improdutivo, atrasado e esparsamente povoado. Quando a necessidade de terras na periferia da cidade [do Rio de Janeiro] se tornou cada vez mais desesperadora, quatro municípios se desenvolveram nessas terras baixas: hoje, eles se encontram entre as regiões de mais rápido desenvolvimento do mundo. A de crescimento mais acelerado é Duque de Caxias, que se tornou município autônomo em 1943. Caxias está dividida em quatro distritos, dos quais apenas um se inclui no chamado Grande Rio.

Com a intensificação do crescimento populacional, progressivo desenvolvimento econômico e com a autonomia administrativa alcançada, em 1943, o antigo vilarejo transformou-se em uma cidade complexa, de crescimento desordenado. Em 1950, já haviam sido instaladas, no município de Duque de Caxias, 112 unidades industriais que, em 1958, alcançaram a marca de 228 unidades. Sua população, em 1950, alcançou 92.400 habitantes, sem que as instalações urbanas e os serviços públicos se desenvolvessem na mesma proporção.

No entanto, Duque de Caxias representou importante papel no que se refere ao fluxo migratório que se dirigia para o Rio de Janeiro e seus arredores por meio da extensa malha ferroviária que cortava a região. Nordestinos, mineiros, capixabas e norte fluminenses, em busca das oportunidades inexistentes nas suas regiões de origem, chegavam à cidade na mesma época em que aportavam os e/imigrantes europeus, notadamente os portugueses. Regra geral, os homens eram atraídos pelos preços relativamente baixos das passagens, a rapidez do deslocamento e as possibilidades de expansão urbana e industrial. Uma vez empregados, adquirindo uma renda relativamente fixa, conseguiam juntar recursos para comprar terrenos que eram então negociados

a preços módicos em Duque de Caxias. Nesses terrenos, construíam suas residências, fixando-se na cidade. Uma vez estabelecidos, formavam suas próprias famílias ou chamavam as que se encontravam no interior do país ou no exterior, no caso dos imigrantes.

Portugueses em Duque de Caxias: algumas trajetórias

A participação dos lusitanos na vida econômica de Duque de Caxias parece evidente. Lojas diversas, mercearias, padarias, empresas de transporte urbano, depósitos de bebidas e doces, são alguns dos exemplos da participação concreta dos portugueses no espaço urbano duquecaxiense. Marcas identitárias da colônia portuguesa aparecem na Igreja Nossa Senhora de Fátima, na Catedral de Santo Antônio, no Clube Social Camponeses de Portugal, fundado em 1974, entre outros.

Não temos ainda estudos suficientes sobre os portugueses e seus descendentes no município, mas estamos procurando elucidar o perfil do imigrante ou família imigrante. Embora tenhamos elaborado um roteiro para a entrevista com o propósito de orientá-la, se necessário, no contato direto com os entrevistados procuramos deixar a conversa fluir, primando por uma troca de informações sobre um tema que nos interessa mutuamente, aos pesquisadores e ao entrevistado; um diálogo cordial e informal, no qual a narrativa do imigrante foi interrompida apenas para esclarecer certos pontos que nos pareceram obscuros. (THOMPSON, 1992, p. 254-247).

Iniciamos com alguns dados de identificação, como nome completo; idade; sexo; nível de escolaridade; freguesia de origem; a vida na aldeia e a casa em que viveu; data e porto de partida e de chegada. Depois passamos a informações mais subjetivas como os fatores que impulsionaram a emigração; o trajeto, a viagem; como e com quem vieram; ano e idade de chegada ao Brasil; os motivos da escolha do Brasil como destino; que tipo de informações tinham do país de acolhida; se já tinham parentes e/ou amigos no país; o primeiro local de moradia; por que escolheram Duque de Caxias; a que atividade profissional se dedicaram;

que dificuldades enfrentaram; se ascenderam socialmente; dentre outras possibilidades encetadas pela própria entrevista.

Como escreveu José Carlos Sebe Bom Meihy, na obra *Manual de História Oral*,

Quando se trata de história oral de vida, o registro do trajeto do imigrante também deve obedecer, na medida do possível, ao critério cronológico. Além disso, precisa considerar: a vida pretérita da pessoa e do grupo antes da saída do lugar de origem, a motivação para a viagem, o trânsito e a chegada ao lugar de destino, a adaptação e o desenvolvimento da integração como metas primordiais do registro. A história de vida de migrantes sempre sugere comparações entre locais de origem e de estadia. Na mesma medida, comparar implica promover juízos de valor que reclamam indicações sobre a identidade cultural ou nacional dos entrevistados. (MEIHY, 2005, p. 191-192).

Outros aspectos também são dignos de nota na pesquisa com imigrantes, como as questões de gênero, envolvendo os perfis de masculinidade e de feminilidade e como tais elementos interferem no processo migratório. Da mesma forma, explorar a infância do emigrado em sua terra natal e os fatores externos que impulsionaram sua saída, como “problemas de sobrevivência, relações de trabalho, falta de alternativas”; a viagem em seus “detalhes factuais e psicológicos” e por fim, a chegada e a “adaptação ao ‘novo’ meio e as soluções da negociação cultural”. (MEIHY, 2005, p. 192).

Algumas trajetórias, como as que se seguem, aqui resumidas, parecem extremamente significativas, descortinando já alguns desses indicadores.

Alda da Felicidade dos Anjos Dias, portuguesa de nascimento, é natural de Penabeice, Freguesia de Jou, ligada ao Concelho de Murça, **Distrito de Vila Real, Província de Trás-os-Montes, Região Norte de Portugal** [grifo nosso]. Chegou ao Brasil em 1956, com a mãe e mais dois irmãos, quando contava seis anos de idade e já era alfabetizada. A família estava munida de uma *Carta de Chamada*, enviada pelo avô paterno da entrevistada, que já se encontrava estabelecido no Brasil. (SILVA, 2013, p. 306; CROCI, 2008, p. 26). Seu pai, Ilídio dos Anjos, também já estava no país havia cinco anos, desde 1951, quando chegou juntamente com um irmão. Durante certo tempo, o pai exerceu a

atividade de pedreiro e depois conseguiu emprego fixo no depósito da Brahma, localizado no bairro da Tijuca, primeiro local de moradia do avô e dos dois filhos em solo brasileiro. Já em 1952, o Sr. Ilídio, com trabalho árduo e poupança, conseguiu comprar um terreno em Duque de Caxias e começou a construir uma casa. Nos anos 1960, viria a abrir um negócio próprio, o *Armazém Ilídio dos Anjos*, no bairro Parque Beira Mar. O pai e a mãe trabalhavam juntos no estabelecimento comercial, que abria as portas às 5 horas da manhã e fechava por volta das 18h. D. Alda, nossa entrevistada, ajudava os pais no horário da manhã. No resto do dia, estudava e ajudava em casa, além de fazer trabalhos manuais e serviços de costura.

Outro natural **do norte de Portugal** [grifo nosso], é o Sr. João da Silva Lopes. Nascido na Freguesia de Penascais, ligada ao Concelho de Vila Verde, **no Distrito de Braga, na Província do Minho** [grifo nosso], chegou ao Brasil em 1958, quando contava 18 anos de idade. Também havia recebido uma *Carta de Chamada* de um primo já estabelecido no Rio de Janeiro, assegurando-lhe um emprego no comércio. Em seu relato, ressalta que não só a pauperização no interior de Portugal, mas o temor de ser incorporado às tropas que eram enviadas ao continente africano, fizeram-no emigrar com destino ao Brasil. Segundo destacou, foi preciso recorrer a dinheiro junto ao Consulado para regularizar sua situação e conseguir embarcar. Já no Brasil, foi morar, inicialmente, em Brás de Pina, um bairro da Zona norte do Rio de Janeiro, com expressiva presença portuguesa. Nessa mesma época, trabalhava no entreposto de pesca da Praça XV de Novembro, no centro do Rio, descarregando os barcos que aportavam. Pouco tempo depois, já estava situado na Baixada Fluminense, primeiro em São João de Meriti e, a partir de 1963, em Duque de Caxias, atraído pelas condições e valores mais acessíveis na compra de terrenos. Neste município, com a ajuda de parentes, algum tempo depois, conseguiu abrir o tão almejado “negócio próprio”, dedicando-se a indústria de panificação, ramo de comércio em que permaneceu até se aposentar.

Emidio da Silva Amaro aparece como o terceiro entrevistado dessa amostra. Nascido em Casal, Freguesia de Mundão, ligada ao Concelho e **Distrito de Viseu, na Província da Beira Alta, região mais ao norte de**

Portugal [grifo nosso], chegou ao Brasil em setembro de 1958, quando contava 18 anos de idade. A mesma situação relatada por João da Silva Lopes, em relação à expectativa de ser enviado a Angola ou Moçambique pelas forças armadas, fez com que Emidio desejasse vir para o Brasil. Custódio Vieira, casado com sua tia Madalena da Costa e Silva, havia feito a oferta de lhe enviar uma *Carta de Chamada*, uma vez que já residiam em Duque de Caxias, com filhos, desde fins dos anos 1940. Ao chegar à cidade, Emidio foi trabalhar em um botequim de patrícios no bairro Vila São Luiz. Logo depois, passou a atuar como auxiliar de almoxarifado na S.A. Técnica Murray, situada à Rua General Venâncio Flores, no bairro Jardim 25 de Agosto, indústria de mobiliário de aço; e, à noite, estudava no Instituto São Jorge, no bairro da Penha – Rio de Janeiro, onde concluiu o que seria o Ensino Médio atual. Com o passar dos anos, empregou-se em atividades profissionais ligadas à área de vendas de produtos industrializados, onde permaneceu, alçando cargos melhor remunerados, até se aposentar no ano de 2000. A vinda para o Brasil trazia, também, a expectativa de uma vida melhor já que, em Portugal, a probabilidade seria a de permanecer nas atividades agrícolas, migrando para a região do Alentejo, visto que, na sua localidade de origem, não havia alternativas de emprego devido à situação econômica do país.

Na cidade de Duque de Caxias, Emidio conheceu sua futura esposa, Ana Maria da Silva Pinto, que após o casamento, em 1965, passaria a assinar Silva Amaro. Ela também portuguesa, nascida na Freguesia de Santiago de Riba-Ul, ligada ao Concelho de Oliveira de Azemeis, **Distrito de Aveiro, na Província da Beira Litoral, região mais ao norte de Portugal** [grifo nosso]. D. Ana chegou ao Brasil também em setembro de 1958, junto com a mãe e uma irmã gêmea, indo morar no bairro Jardim 25 de Agosto, onde já residiam seu pai e dois irmãos, chegados à cidade por volta de 1950. Em Duque de Caxias, Ana Maria dedicou-se a atividades profissionais na área do comércio e papelaria, além de estudar corte e costura, atuando como costureira durante vários anos. O casal retornou a Portugal no dia 31 de março de 1971, já com duas filhas, com a expectativa de lá permanecer. No entanto, após um ano, apesar de o país europeu já se encontrar em melhores condições econômicas e sociais, ainda eram fracos o

desenvolvimento industrial e a empregabilidade. Mas, foi por questões familiares que Emidio e Ana Maria, decidiram retornar ao município de Duque de Caxias.

Miguel Antonio Póvoa representa o último exemplo dessa amostra preliminar da pesquisa aqui apresentado. Natural da Freguesia Felgueiras, ligada ao Concelho Torre de Moncorvo, **no Distrito de Bragança, Província de Trás-os-Montes, Região Norte de Portugal** [grifo nosso]. Depois de obter a dispensa do exército, embarcou para o Brasil, chegando em 1950, numa viagem em que cruzou o Atlântico sozinho para se juntar ao pai e alguns amigos aldeões que já se encontravam na margem de cá. Inicialmente, permaneceu na cidade do Rio de Janeiro trabalhando como ajudante no mercado municipal com frutas e verduras. Mudou-se para Duque de Caxias em 1955 na esteira de diversos patrícios que se deslocavam para o município atraídos por melhores oportunidades. Depois de anos de trabalho árduo e muitas economias conseguiu, em sociedade com um parente, comprar uma barraca para ter o próprio ponto de venda no mercado. No final dos anos 1950, comprou um terreno e construiu a própria casa; logo depois, no início dos anos 1960, edificou um pequeno prédio com quatro apartamentos que passou a alugar. Mas, foi nos anos 1970, depois de voltar a Portugal para vender algumas terras que pertenciam a sua falecida esposa, que o Sr Miguel conseguiu obter o capital necessário para construir e inaugurar a *Padaria e Confeitaria Cobra Coral*, ramo de negócios que despertava o interesse do emigrante lusitano.

Palavras finais

Até agora trabalhamos com nove relatos. Entrevistamos, gravamos e filmamos diretamente oito portugueses, sendo cinco mulheres e três homens. Um filho de portugueses, não quis gravar entrevista, preferindo responder a um formulário e conversar informalmente com as pesquisadoras sobre a trajetória de seus pais. As entrevistas foram transcritas dando origem a documentos que serão arquivados no Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, bem como as narrativas estão integrando o banco de oralidades da mesma instituição. Apresentamos tão somente alguns resultados obtidos de

forma inicial e parcial da pesquisa. Pontos em comuns foram observados nas diversas trajetórias analisadas: todos e todas eram camponeses que viviam em pequenas aldeias rurais nas regiões Norte e Centro-norte de Portugal.

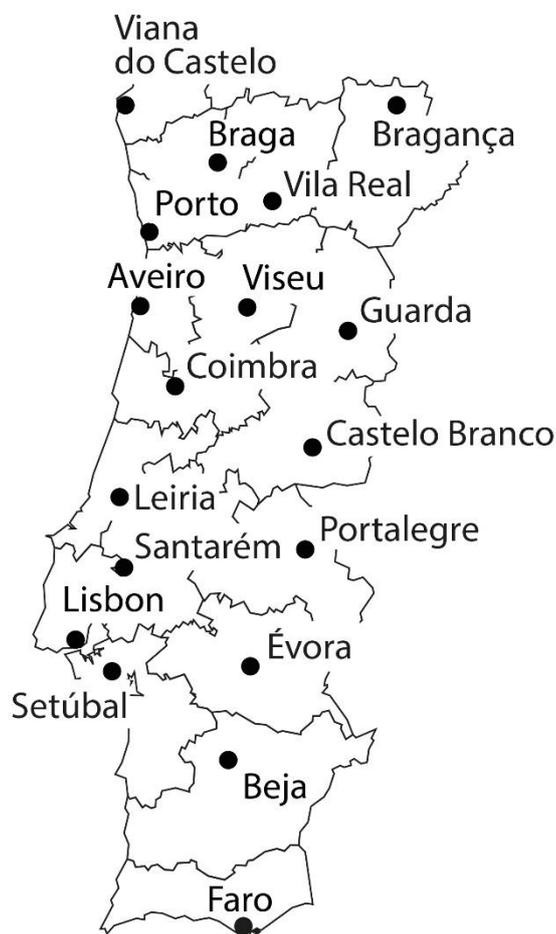


Figura 1 - Mapa dos distritos ao Norte e Centro-norte de Portugal.¹¹

Trabalhavam arduamente na lavoura e na criação de animais. Não passavam fome porque criavam pequenos animais e plantavam alimentos, mas não tinham dinheiro e nem perspectivas de emprego e de melhoria da qualidade de vida em solo português. Emigraram fugindo das duras condições de vida e em busca de novas oportunidades que pudessem garantir um futuro mais promissor.

¹¹ Foi dos distritos pertencentes às províncias das regiões norte e centro-norte de Portugal que emigraram nossos entrevistados. Mapa disponível na internet: <http://ppcc.pl/pt/informacoes-sobre-a-portugal>

Em todas as narrativas foi possível perceber a emoção dos entrevistados e das entrevistadas ao lembrarem a infância nas aldeias de origem, a vida dura e difícil de viver ligada à criação de animais e ao cultivo de alimentos; as casas de pedra e o fogão a lenha. Marcas identitárias que foram reconstruídas no processo de e/imigração.

Na narrativa dos homens, apareceu a questão militar e o temor de servir nas tropas que se dirigiam às colônias portuguesas em África. Emigrantes de uma geração anterior, parentes e amigos, serviram de esteio para os entrevistados nos primeiros tempos que viveram no Brasil. Foram estes que enviaram as cartas ditas de chamadas “...impressionantes testemunhos de sociabilidade” (SILVA, 2013, p. 305). Tratava-se de um documento privado que estabelecia a comunicação entre quem ficava e quem partia, membros de um grupo familiar ou com quem se mantinha relações de compadrio ou laços de amizade. (SILVA, 2013, p. 306).

Segundo Croci (2008, p. 26), as cartas constituíam

...um grupo formado pelas clássicas Cartas Privadas, ou seja, cartas manuscritas, correspondência privada, recebidas do Brasil, que o parente de partida... trazia consigo como testemunho do fato de estar se dirigindo para onde havia alguém que pudesse recebê-lo e manter, não se tratava necessariamente de cartas em que se fazia um informal ato de chamada.

Essas cartas ganharam, posteriormente, valor de documento oficial, pois eram exigidas para obtenção do passaporte, sobretudo no caso de mulheres e crianças. (SILVA, 2013, p. 306).

Os homens viajaram sozinhos e as mulheres com as mães e outros familiares. Em território brasileiro, a vida, inicialmente, foi bastante difícil; as mulheres, ainda jovens, trabalhavam em casa, nas tradicionais atividades femininas de corte e costura, e/ou no comércio já estabelecido de algum conterrâneo, como o armazém, a padaria, a papelaria, para ajudar às famílias. Os homens admitiram terem prosperado de vida, levando no Brasil uma existência mais fácil do que no seu país de origem, ainda que nem todos tenham conseguido realizar a abertura do “negócio próprio” que embalava os sonhos

daqueles que migravam. (MENEZES, 2008, 112). Colheram em vida parte desse sucesso e puderam proporcionar às gerações futuras uma vida mais digna, com mais conforto e acesso à educação. Homens e mulheres, portanto, participaram de forma ativa nas relações de trabalho que perpassam a construção da cidade de Duque de Caxias, desde os anos 1950 (MATOS; ANGELO, 2008, p. 265), ajudando a compor as múltiplas experiências migrantes dos portugueses no Brasil.

Referências bibliográficas

AMADOR, Elmo da Silva. *Baía de Guanabara: um balanço histórico*. In: *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Org. Maurício de Almeida Abreu. RJ: SMCTE / DGDIC, Divisão de Editoração, 1992.

ARROTEIA, Jorge Carvalho. Aspectos da emigração portuguesa. In.: *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidade de Barcelona. Nº. 94. (30). Ago./2011. Actas del III Coloquio Internacional de Geocrítica.

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria Amaro de. *De Merity a Duque de Caxias: Encontro com a História da Cidade*. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2010.

CORTE, Andréa Telo da. História de vida e imigração: as formas do passado. In.: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre. *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

CROCI, Frederico. *O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil*. In.: *Revista de História, Juiz de Fora*, v. 14, n. 2, p. 13-39, 2008.

FAUSTO, Boris. (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LEITE, Joaquim da Costa. O Brasil e a emigração portuguesa (1855-1914). In.: FAUSTO, Boris. (org.). *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. *Imigração portuguesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2001.

MARINS, Paulo César Garcez. *Habitação e Vizinhança: Limites da Privacidade no Surgimento das Metrôpoles Brasileiras*. In: NOVAES, Fernando A. (org.).

História da Vida Privada no Brasil. Volume III. Rio de Janeiro. Companhia das Letras. 1998.

MARINUCCI, Roberto; MILESI, Rosita. *Migrações internacionais contemporâneas*. In. http://www.migrante.org.br/as_migracoes_internacionais_contemporaneas_160505b.htm

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Cotidiano e cultura: história, cidade e trabalho*. São Paulo: EDUC, 2002.

MATOS, Maria Izilda Santos de; ANGELO, Elis Regina Barbosa. Imigrantes açorianos em São Paulo: tempos, tradições e transformações. In.: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre. *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1996.

MENEZES, Lená Medeiros de; CYPRIANO, Paula Leitão. Imigração e negócios: comerciantes portugueses segundo os registros do tribunal do Comércio da Capital do Império (1851-1870). In.: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre. *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

MENEZES, Lená Medeiros de. Portugueses, espanhóis e italianos no Rio de Janeiro segundo os registros censitários (1872-1960). In.: SOUSA, Fernando de, et. al (coords.). *Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul*. Porto: CEPESE, 2014.

PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração (1850-1930)*. Bauru, SP: EDUSC; Portugal: Instituto Camões, 2002.

PERLMAN, Janice E. *O Mito da Marginalidade: Favelas e Política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1977.

SARDICA, José Miguel. *O século XX português*. Alfragide: Texto Editores, 2011.

SILVA, Brasilina Assunção Pereira da. *Cartas de Chamada: a emigração para o Brasil, no Concelho de Sernancelhe (1900-1920)*. In: Estudos. Remessas. CEPESE, Portugal. 2013. pp. 305-309. <http://www.remessas.cepese.pt/remessas/mod/itsglossary/view.php?id=8&gid=80>

SILVA, Maria Manuela. Crescimento econômico e pobreza em Portugal (1950-1974). In.: *Análise Social*. V. XVIII (72-73-74), 1982. 3º- 4º- 5º. pp. 1077-1086.

SOUSA, Fernando de. A emigração do Norte de Portugal para o Brasil: uma primeira abordagem (1834-1950). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOUSA, Fernando de; HECKER, Alexandre. *Deslocamentos e histórias: os portugueses*. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

SOUZA, Marlúcia Santos de. Escavando o Passado da Cidade: Duque de Caxias e os Projetos de Poder Político Local (1900-1964). Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2002.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VERWEY, Anton. ZERBINI, Renato. SILVA, Ariel. A percepção brasileira dos refugiados. In.: *Revista Brasileira de Política Internacional*. v. 43. n. 1. Brasília. jan./jun. 2000. p. 1-3.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da História*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.